

## CORPOLÍTICA EM AUTORIAS DE TEXTOS LITERÁRIOS NO LIVRO DIDÁTICO “SE LIGA NAS LINGUAGENS: PORTUGUÊS”

### CORPOLÍTICA ON AUTHORSHIPS OF LITERARY TEXTS IN TEXTBOOK “SE LIGA NAS LINGUAGENS: PORTUGUÊS”

Hélvio Frank  
(UEG – Universidade Estadual de Goiás)

Valcy Corrêa de Lima  
(SEDUC/GO)

**RESUMO:** Em inspiração ao estudo de Vasconcelos (2021), neste artigo analisamos a corpolítica relativa a autorias de textos que compõem o livro didático “Se liga nas linguagens: Português” (Ormundo; Siniscalchi, 2020), material pedagógico que faz parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e que é utilizado em turmas de ensino médio da rede pública estadual de educação básica de Goiás. Mediante análise qualitativo-interpretativista (Moita Lopes, 1994) e de métodos mistos (Creswell; Clark, 2013) acerca da autoria de textos literários presentes no referido material didático para o ensino de língua portuguesa, trazemos o conceito “corpolítica” (Frank, no prelo) para aprofundarmos no desvelamento acerca de que corpos – sexo, gênero, raça e etnia – escrevem os respectivos textos literários. Os resultados apontam para a presença acentuada de autoria textual condizente com o binarismo e a heterossexualidade branca, com pouca representatividade de mulheres no cânone literário e vernacular proposto no livro didático.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de língua portuguesa. Livro didático. Corpolítica em autoria.

**ABSTRACT:** Inspired by Vasconcelos’ (2021) paper, in this article we analyze the corporeity related to authorship of texts that compose the textbook “Se liga nas linguagens: Português” (Ormundo; Siniscalchi, 2020), a pedagogical material that is part of National Program of Textbook (PNLD) and which is used in public high school in state of Goiás. Based on qualitative-interpretative and mixed method research about the authorship of literary texts present in that didactic material for Portuguese language teaching, we bring the concept of “corpolítica” (Frank, in press) to deepen in unveiling about which corporeities – sex, gender, race and ethnicity – write the literary texts. The results point to the strong presence of textual authorship consistent with binarism and white heterosexuality, with little representation of women in literary and vernacular canon proposed in textbook.

**KEYWORDS:** Portuguese language teaching. Textbook. Corporeity in authorship.

### Introdução

Inúmeros trabalhos em Linguística Aplicada têm se enveredado por análises de livros didáticos vinculadas a questões de gênero e sexualidade (Oliveira; Pereira, 2017; Valério; Santana, 2013). Em sua maioria, dedicam-se a investigar materialidades textuais e imagéticas impressas no recurso didático, a fim de problematizar opressões sofridas por pessoas cujo gênero não está previsto dentro da matriz colonial de poder (Conti; Mastrella-de-Andrade,

DOSSIÊ “INTERFACES DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS”

REVELLI, Vol. 15. 2023.

ISSN 1984-6576.

E-202314

2016; Dambrós, 2016; Ferreira, 2014; Camargo; Ferreira, 2014; Jovino, 2014; Pereira, 2013, 2014; Silva; Luterman, 2018; Tílio, 2006, 2010, 2012; Tílio; Souto Júnior, 2014).

Apesar de existir um vasto repertório científico sobre gênero e livro didático, averiguamos que, nos estudos de linguagem contemporâneos, à exceção do trabalho de Vasconcelos (2021), que buscou realizar uma leitura crítica de um livro didático observando aspectos que não coadunam com uma perspectiva crítica de educação linguística, a compreensão acerca do gênero/sexo de autoria de textos literários presentes em livros didáticos é até então algo não explorado.

Incorporando a noção de que textos literários discursivamente performam epistemes com base em corpolíticas de autoria e, ao mesmo tempo, endossando os pensamentos de Lopes (2019, p. 160), para quem os livros didáticos podem servir como “instrumentos na luta contra desigualdades étnico-raciais”, e, acrescentamos, de gênero, neste artigo analisamos a corpolítica relativa a autorias de textos literários que compõem o livro didático “Se liga nas linguagens: Português” (Ormundo; Siniscalchi, 2020), doravante SLNLP, material pedagógico que faz parte do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), cuja utilização é acompanhada pela coautora deste artigo em turmas de ensino médio da rede pública estadual de educação básica de Goiás. Em inspiração ao trabalho de Vasconcelos (2021), inauguramos o conceito denominado corpolítica (Frank, no prelo), que será tratado mais à frente, para aprofundarmos no desvelamento acerca de que corpos – sexo, gênero, raça e etnia – escrevem os textos literários que compõem o volume único da coleção destinada à língua portuguesa do ensino médio.

Sob o pretexto de trazeremos ao centro discussões sobre a representatividade de mulheres em produções literárias, artísticas, culturais e intelectuais no livro didático, nas próximas seções, explicamos o contexto e o fazer da pesquisa, em seguida trazemos uma breve reflexão sobre a presença e luta das mulheres na sociedade brasileira e sobre corpolítica relativa a livro didático. Por fim, apresentamos uma análise acerca de autorias de mulheres no recurso didático SLNLP, contrastando-as com outras práticas sociais.

## **1 Metodologia**

Nesta pesquisa, de cunho qualitativo-interpretativista (Moita Lopes, 1994) e métodos mistos (Creswell; Clark, 2013), produzimos uma análise corpolítica acerca de autorias dos textos literários contidos no livro didático SLNLP, volume único, produzido pelo autor Wilton Ormundo e autora Cristiane Siniscalchi, buscando perscrutar a presença ou ausência de autoria de mulheres em poemas, contos, crônicas, entre outros fragmentos/trechos literários escritos, em prosa ou verso, materializados na obra didática. O material escolhido vem sendo adotado em escolas públicas de ensino médio em cidades goianas e faz parte do ciclo 2022-2024 do PNLD brasileiro.

## **2 Uma breve contextualização histórica de luta das mulheres**

As disparidades envolvendo questões de gênero que marcam a sociedade contemporânea derivam de um extensivo processo de construção histórico demarcado a partir do binarismo moderno ocidental (Derrida, 1991). Sob essa lógica, desde a Antiguidade, as mulheres e outras pessoas com identidades de gênero “desviantes” (Louro, 2003, p. 68) se conformam para que homens operem sob dominação social em vários âmbitos (Bourdieu, 2010).

Durante vários séculos, no Brasil, reforçou-se uma visão binária muito bem definida e ajustada para os sexos, relegando às mulheres uma vida menos pública, privada de liberdade (Ribas Borges Teixeira, 2014), de individualidade e de independência, a partir de afazeres domésticos, de cuidado aos filhos e de submissão ao homem, em prol da moral religiosa. Com isso, foram se mantendo inferiorizadas em sociedade, já que homens, com o passar dos tempos medievais e coloniais, foram tomando o controle sobre a política, sobre a economia e sobre a própria vida das mulheres.

Por outro lado, inúmeras mulheres surgiram, ao longo da história, caminhando em direção contrária desse ordenamento social, rompendo com determinados valores e lutando por igualdade e liberdade (Tedeschi, 2012). A irrupção de movimentos feministas no Brasil e no mundo, visando à equidade social, política, econômica, cultural, entre outras, foi imprescindível para estarmos hoje conquistando uma série de transformações na sociedade brasileira (Negrão; Amado, 1989; Tedeschi, 2012), garantindo, com isso, eventuais melhorias na condição das mulheres e reduzindo disparidades entre elas e os homens.

Sabemos que a resistência é ainda constante hoje e que, apesar da evolução gradativa, com parcas revoluções e acentuados retrocessos, continua, porque as mulheres ainda não alcançaram justiça e igualdade social no cenário brasileiro, o qual tem um legado patriarcal, machista e misógino rondando ostensivamente a cosmovisão das pessoas desde a invasão europeia a terras brasileiras. Contudo, muitas delas permanecem vibrantes, performando tensões e desestabilizações na norma hegemônica posta, a qual não se cansa de tentar trazê-las de volta ao espaço privado da família.

A separação dos espaços de atuação entre público e privado trouxe consequências que são experienciadas até os dias de hoje. Aos homens cabe o espaço público, com seus desafios, poderes e produção e, do outro lado, encontra-se o espaço privado, próprio das mulheres. A elas, cabe a reprodução, o cuidado com a casa, filhos(as) e esposo. Como o papel de dona-de-casa não é compreendido como um trabalho, mas sim como uma obrigação feminina, advinda da sua natureza de mulher, não goza dos direitos civis que a sociedade capitalista, em crescimento, passa a elaborar para seus trabalhadores. (Caixeta; Barbato, 2004, p. 215)

Essa reflexão, inclusive, nos remete a um resultado apontado no estudo de Taufer (2009), o qual buscou analisar um livro didático de ciências para comprovar o lugar das mulheres destinado ao lugar da proteção e do restrito. São concepções como essas, incrustadas no conhecimento pedagógico, que fortalecem a cultura que delega às mulheres o cuidado do lar e dos filhos, enquanto homens provêm a família e saem para trabalhar, já que o espaço das mulheres não pode ser a rua (Diehl; Senna, 2016; Ribas Borges Teixeira, 2014). A questão fulcral é que, além de esse senso comum se perpetuar discursivamente em sala de aula também pelo livro didático, de modo a ecoar em sociedade uma cosmovisão secular inaugurada e mantida pelo pensamento religioso e patriarcal, o não acesso das mulheres ao capital simbólico lhes confere menos oportunidade de, por exemplo, tornarem-se escritoras e, conseqüentemente, fazerem parte do cânone e das autorias literárias.

Steffen (2018), no âmbito da arte literária, procurou analisar de que forma a literatura de autoria feminina é abordada em livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio, abrangendo a literatura em livros das três coleções mais distribuídas no país pelo Guia do PNLD. A referida autora observou que o fenômeno do apagamento da literatura produzida por mulheres no Brasil se manifesta de maneiras diversas, dentre as quais o pouco espaço reservado à escrita feminina dentro da história literária traçada nos livros didáticos, já que no material

analisado apenas um número ínfimo de escritoras recebeu algum tipo de estudo que ultrapassasse a simples menção de seu nome.

### 3 Uma breve discussão sobre corpolítica em livros didáticos

Apesar de questões de sexo, sexualidade e gênero serem alvo de pesquisas em livros didáticos desde a década de 1970 (Negrão; Amado, 1989), a preocupação discursiva para com o conteúdo textual materializado no recurso didático se dá, em Linguística Aplicada, no início do século XXI, quando autores/as como Tílio (2006) passam a observar que o livro didático poderia propiciar visões de mundo que poderiam induzir alunos a adotarem determinadas identidades apresentadas como certas, socialmente aceitas e legitimadas nesses materiais. A partir disso, uma frente de estudos de atenção ao gênero e livro didático passa a ser reivindicada sob esforços de formação reflexiva docente, visando a materialidades textuais/discursivas em relação aos gêneros feminino, masculino ou desviante, interseccionados por questões raciais etc. (Araújo; Ferreira, 2018a, 2018b; Barros, 2013; Ferreira, 2018; Ferreira; Sene, 2018; Santa Clara; Ferreira, 2017; Santos, 2013; Tílio, 2012; Tílio; Souto Júnior, 2014), inclusive em estudos mais recentes (Netto; Oliveira; Ferreira, 2020) e em investigação da condição feminina negra (Araújo; Ferreira, 2018c; Ferreira, 2019).

Em visita ao Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES), disponível *on-line*, parecem não haver trabalhos linguísticos aplicados sob a dimensão corpolítica feminina que aqui pretendemos aventar, embora possamos averiguar muitos estudos no campo sobre livro didático e representações de mulheres (Silva Titoto *et al.*, 2021), assim como acontece na área de Educação e interdisciplinares (Clozato Lara; Silva de Abreu, 2022), ou mesmo em relação ao machismo que impera nessas relações (Bastos, 2015; Santos; Maldonado; Peripolli, 2022).

Em face disso, tomamos o estudo pioneiro de Vasconcelos (2021), em Linguística Aplicada, que, em um momento de análise, trouxe luz ao aspecto da autoria de mulheres em textos presentes no livro didático de língua portuguesa de uma perspectiva decolonial. Em interpretação, a autora observou a predominância de textos, cujos autores são homens brancos da região sudeste do Brasil, e ressaltou a invisibilidade da mulher negra como produtora de epistemes no livro didático, assim como a “necessidade de difusão de textos produzidos por

grupos não brancos e cisheteropatriarcais, como uma forma de romper com as correntes do patriarcalismo hegemônico colonizador” (Vasconcelos, 2021, p. VIII). Neste mesmo esforço, nosso trabalho avança com o foco de pensar exclusivamente a corpolítica em outra coleção de livro didático inerente à presença ou ausência de autorias de mulheres em textos literários previstos no material.

Para Frank (no prelo), a corpolítica é um conceito amplo, complexo, todavia bastante sinalizador de questões coloniais que ainda hoje se mantêm preservadas na relação entre corpos nos espaços sociais brasileiros. Nas palavras do autor, a corpolítica corresponde a

uma compreensão político-discursivo-performativa do corpo, englobando questões de cor, raça, etnia, sexo, gênero, sexualidade em conjunto com outras interseccionalidades de/marcadoras da diferença colonial, significadas a partir dos (efeitos de) sentidos sobre o corpo orientado, em primeiro momento, por sua dimensão físico-sexual, mas que se dinamiza a partir da orientação simbólica desse corpo em termos de sua percepção no mundo, de suas performances realizadas e de como pessoas em geral o percebem nas práxis e relações em sociedade. Encampando perspectivas decoloniais, a corpolítica pressupõe, com base no “sentir na pele”, a qualidade de valor e de existência ou inexistência materializada por um corpo em vida social sob enfoque discursivo-performativo-imagético, incluindo desejos, anseios, dores, marcas, resistências, apagamentos, classificações, segregações, sentidas e produzidas a partir de interpretações próprias e/ou alheias, como dimensionadoras potenciais de significados que, havendo, vão agir sobre as mesmas circunstâncias discursivo-performativo-imagéticas sobre esse corpo-pessoa (Frank, no prelo).

No livro didático, nossa discussão corpolítica se deterá à existência ou ausência de mulheres autoras de textos literários que compõem o livro didático SLNLP. Esse mapeamento é relevante, uma vez que um texto escrito por uma mulher, justamente por conta da corpolítica que convoca, é diferente de um texto escrito por um homem, ou por uma mulher negra lésbica, por exemplo, dada a dimensão dos marcadores sociais, por meio dos quais esse corpo vai se constituir e experienciar relações no mundo. A cada marcador de diferença, uma corpolítica se instaura e tudo isso altera as formas de (se) conceber (em) o mundo e de produzir epistemes. Nessa direção, quanto mais diversidade de corpos estiverem autorando textos literários propostos em livros didáticos, mais diferentes formas de ver e perceber o mundo serão possíveis aos leitores, afinal, a maneira de um homem branco cis construir um mundo literário não pode

ser a mesma maneira de uma mulher negra produzi-lo, em virtude dos sentidos que seu corpo experiencia e produz em vida social.

Além disso, a autoria em livro didático se relaciona com a corpolítica no momento em que entendemos particularidades e vulnerabilidades enfrentadas por determinados corpos em espaços sociais. As mulheres, no caso do Brasil, diante de um passado colonial, permeado de trajetórias de subjugo, correção, subordinação, subserviência, submissão etc., têm experimentado, a partir de seus corpos culturalmente sexualizados, a opressão enquanto mundividência. Isso significa dizer que elas se tornam existencialmente afetadas por sentidos corpolíticos, ou seja, por sentidos que seus corpos produzem no mundo social ao serem politicamente lidas como mulheres. A corpolítica parte do princípio de que um corpo sempre veiculará sentidos sociais e políticos, e, por isso mesmo, será interpretado nessas condições discursivas, podendo sofrer, na pele, os sentidos dessa interpretação.

Diante de cosmovisões religiosas e conservadoras, ainda se consagram à corpolítica de mulheres valores morais e essencialistas com base no ideal de serem mães, esposas, donas de casas, recatadas, belas, meigas, limpas, delicadas etc. Se o corpo não cumpre essa expectativa social ou mesmo uma performance previamente designada, ele próprio começa a sofrer punições, as quais vão desde a sutileza de um olhar que rejeita e de uma palavra que coíbe à violência física.

Para nós, o conceito corpolítica, cunhado por Frank (no prelo) nos estudos de linguagem, importa para se pensar uma diferenciação que buscaremos estabelecer neste estudo em contraste com os inúmeros estudos de representações e identidades de gênero em livros didáticos, na medida que não estamos mais falando da dinâmica de percepção dos sentidos leitores acerca do que discursiva e imagetivamente se constrói sobre a figura masculina, feminina, desviante, considerando outras interseccionalidades que também se apresentam. Nossa discussão se atém à noção de epistemes performativo-discursivas que um corpo pode produzir ao assinar uma autoria textual, construindo corpolítica. Essa condição pode trazer diferença de perspectivas e repertórios de conhecimentos para os sentidos leitores. É bem parecida com a dinâmica de que, se não há travestis ocupando as universidades, consequentemente pouco ou nenhum saber se tem sobre/de esse corpo, sobre/de essa pessoa, observando-se uma noção corpolítica que parta de um lugar epistêmico, de um lugar de

enunciação (Nascimento, 2021, p. 64). No máximo, poderá haver uma versão terceira falando por essa pessoa.

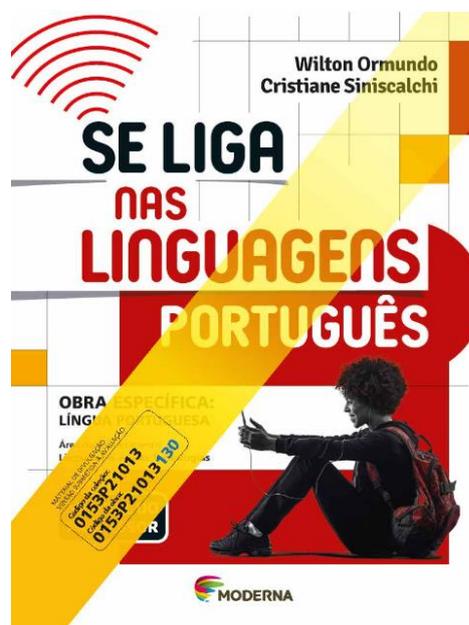
Além disso, não podemos negar que, na autoria textual de uma mulher brasileira, independentemente de outros marcadores sociais que a acompanhem – raça, etnia, sexualidade, identidade de gênero etc. –, conciliando a articulação corpolítica com a formação cultural e histórica brasileira, seu texto literário seja impregnado por uma construção de sentidos em torno do patriarcado, da misoginia, do machismo etc. de uma forma muito particular, geralmente assumida por seu corpo existente e posicionado no mundo. Isso efetivamente se torna uma garantia de outra versão de leitura oportunizada ao discente, para que outros sentidos concorram na tentativa de potencializar a compreensão corpolítica do texto e de problematizar a vida social, e sobretudo para que o senso de pluralidade se espraie pela sala de aula ao observar o texto proposto em um livro didático de uma dimensão corpolítica de autoria. Toda essa relação sempre estará rodeada de intencionalidades e de subjetividades que vão operar conforme a interação entre leitor/a – autor/a – texto.

Considerando que, no âmbito educacional, o livro didático representa uma instância discursiva que produz socialização e legitimação de valores culturais a partir dos textos/discursos que abarca, apostamos na urgência de estudantes aprenderem a exercitar criticidade sobre as construções corpolíticas veiculadas e também materializadas nesses textos, no caso, os literários propostos em livros didáticos de língua portuguesa. Se, como prevê Vasconcelos (2021), nesses textos há valores (re)produzidos discursivamente, valeria a pena capacitar estudantes a lerem a corpolítica das autorias de textos literários como forma de compreenderem uma maior totalidade do texto, expandirem visões de mundo, pensarem de determinadas perspectivas, pensarem sobre questões de diversidade e, especialmente, sobre o lugar epistêmico da autoria.

#### **4 Uma análise corpolítica em autoria de mulheres no livro didático SLNLP**

Um dos fenômenos que evidencia que os problemas de gênero persistem ainda nos presentes dias é a omissão da literatura feminina nos livros de Língua Portuguesa, tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio, como nos adianta Vasconcelos (2021). Em face disso, examinamos o livro didático SLNLP:

Figura 1  
Capa do livro didático SLNLP



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2013)

Compreendemos que o gênero de autorias, se masculina, feminina, entre outros, configura-se como um importante objeto de análise no que diz respeito ao texto literário, porque entendemos que uma mulher escreve e pensa de um lócus de enunciação totalmente distinto de um homem, de uma mulher negra, de uma mulher indígena, de uma lésbica etc., como mencionamos anteriormente, porque sua corpólitica é balizada e baliza suas experiências culturais no mundo. Se assim o faz, consequentemente seu texto produzido se apresenta moldado por essas experiências inscritas em sua corpólitica, que seria a maneira política, performativo-discursiva e crítica de perceber seu corpo no mundo, nem sempre de modo consciente, mas sempre interpretando e sendo interpretado a partir da socialização com a sua diferença perante outros corpos.

Para analisarmos uma corpólitica de mulheres na autoria de textos literários que compõem o livro didático SLNLP, teremos de assumir, a princípio, nosso apego à lente binária moderna de gênero, para separar mulheres de homens sob o prisma estanque do sexo biológico, mesmo sabendo que se trata de conceitos bastante complexos, porosos e escorregadios, por

conta do caráter essencializado (Derrida, 1991) com que se dão. Todavia, como ainda lemos as coisas sob o prisma moderno-colonial, nossa pretensão é de trazer à compreensão leitora que consideramos, em primeiro momento, dentro da heterossexualidade compulsória vigente, composta de dois sexos, portanto, dois universos bastante rígidos e distintos, as mulheres como sendo aquelas destituídas de pênis.

Esse primeiro recorte é necessário para observarmos a corpolítica em autorias de materiais didáticos com base no gênero e sexo e, quem sabe, mais à frente, trazermos mais uma interseccionalidade possível dentro dos saberes que um corpo autoral pode assumir: neste caso uma condição de raça, se negra ou não branca, conforme se apresenta no mundo. Essas acepções, longe de serem as ideais, talvez por perpassarem estereótipos, por outro lado, se mantêm relevantes neste texto, porque o corpo sexualizado se torna o aspecto central pelo qual se experiencia a vida social, os sentidos, o jeito de fazer e de receber as coisas (Butler, 1999). Para nós, o corpo é a primeira leitura imagética com que nos deparamos antes de qualquer interação social.

Em uma sociedade brasileira marcada por um legado colonial eminentemente escravocrata e patriarcal, é impossível nos escaparmos das corpolíticas do sexo, do gênero e da raça como formas de socialmente se ler o mundo. Muito embora tenhamos uma consideração de que não existe uma mulher, mas, sim, mulheres (Gonzalez, 2020), no plural, o que serve para reforçar a diferença presente na mulheridade, há sempre uma referência leitora ao conjunto de atitudes e escolhas que são esperadas de pessoas que nascem com vagina ou com pênis, bem como questões sociais que despencam sobre quem é branco e quem é negro. Tudo isso assumidamente influencia formas de tornar corpolítica uma escrita autoral, de modo a trazer a palavra literária sempre de um lugar epistêmico e corpóreo-visual.

São inerentes às dimensões masculina e feminina, negra, branca ou não branca, que validaremos a relevância de se refletir sobre a corpolítica em autoria de textos literários no livro didático em questão, porque essas dimensões certamente afetam os sentidos assumidos e produzidos pelos/sobre os corpos no mundo social, conforme a leitura de sua corpolítica e a corpolítica de sua existência. Isso quer dizer que, ao escrever um texto literário, sentidos se propalam com base na cultura – masculina, feminina, negra, branca – que marca e atravessa determinado corpo em sociedade.

Em inspiração a Vasconcelos (2021), que buscou ler criticamente a existência do gênero “feminino” como promotora discursiva de conhecimentos a serem mobilizados no livro didático, uma problematização oportuna da autora ao analisar as autorias textuais que compunham aquela obra didática destina-se à esmagadora maioria de textos pertencente a autores homens. Esse resultado de pesquisa certamente aciona, em nós, os sentidos que girarão em torno da produção, recepção e efeitos de sentidos veiculados sobre o corpo que escreve – e se inscreve em – autorias.

Em referência aos textos literários contidos no livro didático SLNLP, é possível observar, por intermédio do Quadro 1, que, das 99 autorias apresentadas em diferentes momentos no material, apenas 10 pertencem ao sexo feminino, totalizando menos de 10% de escritoras mulheres.

Quadro 1 – Textos literários selecionados do livro SLNLP

<b>TEXTOS LITERÁRIOS E FRAGMENTOS</b>	<b>TIPO DE TEXTO</b>	<b>PÁGINA</b>	<b>AUTORIA</b>	<b>SEXO</b>
Elogio da memória	Verso	10	José Paulo Paes	M
A Moreninha	Prosa	11	Joaquim Manuel de Macedo	M
Pista de dança	Verso	11	Eucanaã Ferraz	M
A incapacidade de ser verdadeiro	Prosa	13	Carlos Drummond de Andrade	M
Mapas de asfalto	Verso	14	Michel Yakini	M
Odisseia	Prosa	15	Homero	M
Todos os ventos	Verso	18	Antonio Carlos Secchin	M
Tudo escapa aqui dentro	Prosa	20	Bruno Zeni	M
Amor punk	Verso	20	Nicolas Behr	M
SOBRE bruxos, princesas e horizontes: final. 1 vídeo	Prosa	21	Canal Nautilus	
Os lusíadas (Oitavas)	Verso	22,27,30,32	Luís Vaz de Camões	M
Cantiga “D. Dinis”	Verso	24	Segismundo Spina.	M
Cantigas medievais galego-portuguesas.	Verso	25	Rei Sancho I (Atribuído a)	M
Garcia de Resende e o Cancioneiro geral	Verso	26	Francisco da Silveira	M
Auto da barca do inferno	Prosa	28	Gil Vicente	M
Xico (canção)	Verso	31	Luísa Sobral	F
Mensagem	Verso	33	Fernando Pessoa	M
A terra que se abre como flor	Verso	34	Guillermo Sequera	M
Carta de ‘Achamento’	Prosa	35	Pero Vaz de Caminha	M
Tratado da Terra do Brasil	Prosa	36	Pero de Magalhães de Gândavo	M
A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami	Prosa	37	Davi Kopenawa, Bruce Albert	M
Poemas escolhidos de Gregório de Matos.	Verso	41,43,44	Gregório de Matos	M
A uma crueldade formosa	Verso	42	Jerônimo Baía	M
Sermão da Sexagésima	Prosa	45	Pe. Antônio Vieira	M

Rimas	Verso	49,50	Manuel Maria de Barbosa du Bocage	M
Marília de Dirceu	Verso	52	Tomás Antônio Gonzaga	M
Caramuru	Verso	53	Frei José de Santa Rita Durão	M
O Uruguai	Verso	53	José Basílio da Gama	M
Macau	Verso	54	Paulo Henriques Britto	M
Qualquer vida é muita dentro da floresta	Verso	54	Jussara Gomes Gruber	F
Amor de perdição	Prosa	60	Camilo Castelo Branco	M
A morte do lidador	Prosa	61	Alexandre Herculano	M
Coração de cavaleiro	Prosa	62	Brian Helgeland	M
Canto do Piaga	Verso	63	Gonçalves Dias	M
Lira dos vinte anos	Verso	64	Álvares de Azevedo	M
O navio negreiro	Verso	66	Castro Alves	M
Iracema	Prosa	68	José de Alencar	M
Inocência	Prosa	69	Visconde de Taunay	M
Memórias de um sargento de milícias	Prosa	69,70	Manuel Antônio de Almeida	M
Chegança	Verso	71	Antônio Nóbrega	M
Brasil	Verso	71	Eliane Potiguara	F
É ela! É ela! É ela! É ela!	Verso	72	Álvares de Azevedo	M
O “adeus” de Teresa	Verso	73	Pablo Simpson, Pedro Marques	M
Árias pequenas. Para bandolim	Verso	73	Hilda Hilst	F
Outros cantos	Prosa	74	Maria Valéria Rezende	F
A morte de Olivier Bécaille	Prosa	78	Émile Zola	M
A cidade e as serras	Prosa	80	Eça de Queirós	M
O primo Basílio	Prosa	81		
A casa dos espíritos	Prosa	82	Isabel Allende	F
Memórias póstumas de Brás Cubas	Prosa	85	Machado de Assis	M
O cortiço	Prosa	86,89	Aluísio Azevedo	M
Dom Casmurro	Prosa	87	Machado de Assis	M
Capitu	Verso	88	Luiz Tatit	M
Mulher do fim do mundo	Verso	90	Alice Coutinho e Rômulo Fróes	-
A um poeta	Verso	91	José Aderaldo Castello	M
Vaso chinês	Verso	93	Alberto de Oliveira	M
Via Láctea	Verso	93	Olavo Bilac	M
Caminho	Verso	95	Camilo Pessanha	M
Imortal atitude	Verso	96	Cruz e Souza	M
Para fazer um poema dadaísta	Verso	97	Tristan Tzara	M
Música e sugestão	Prosa	97	Charles Baudelaire	M
Arte poética	Verso	98	Paul Verlaine	M
Violões que choram...	Verso	98	João da Cruz Sousa	M
Ode triunfal	Verso	103	Álvaro de Campos	M
Quinta / D. Sebastião, Rei de Portugal	Verso	105, 110	Fernando Pessoa	M
O guardador de rebanhos	Verso	106	Alberto Caeiro	M
Não só quem nos odeia ou nos inveja	Verso	106	Ricardo Reis	M
Poema em linha reta	Verso	107	Álvaro de Campos	M
Falso diálogo entre Pessoa e Caeiro	Prosa	108	José Paulo Paes	M
Um repente por dia	Verso	111	Ailton Mesquita	M

O sertanejo	Prosa	113	Euclides da Cunha	M
Triste fim de Policarpo Quaresma	Prosa	114	Lima Barreto	M
Urupês	Prosa	115	Monteiro Lobato	M
Versos íntimos	Verso	116,117	Augusto dos Anjo	M
Psicologia de um vencido	Verso			
O pulso	Verso		Marcelo Fromer/ Tony Bellotto/Arnaldo Antunes.	M
Melodias do sertão	Verso	119	Fernanda Calazans	F
Macunaíma	Prosa	122,123,127	Mário de Andrade	M
Os selvagens	Verso	124	Oswald de Andrade	M
Erro de português		128		
Libertinagem	Verso	126	Manuel Bandeira	M
Meninos	Verso	129	Murilo Mendes	M
Poema de sete faces	Verso	130,131,132	Carlos Drummond de Andrade	M
Mãos dadas				
No exemplar de um velho livro				
Romance VII ou do negro das Catas	Verso	133	Cecília Meireles	F
Vidas secas	Prosa	135	Graciliano Ramos	M
A rosa de Hiroshima	Verso	137	Vinícius de Moraes	M
Poema frustrado	Verso	138	Mario Benedetti	M
João Miguel.	Prosa	139	Rachel de Queiroz	M
Capitães da areia	Prosa	139	Jorge Amado	M
Catar feijão	Verso	144	João Cabral de Melo Neto	M
Morte e vida severina	Prosa	145		
A paixão segundo G.H.	Prosa	147	Clarice Lispector	F
A hora da estrela	Prosa	148		
Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres	Prosa	151		
Grande sertão: veredas.	Prosa	150	João Guimarães Rosa	M
A canção “66”	Verso	153	Martim Bernardes	M
Ensaio sobre a cegueira	Prosa	156	José Saramago	M
Passei por um sonho	Prosa	158	José Eduardo Agualusa	M
Nós chorámos pelo Cão Tinoso	Prosa	159	Ondjaki	M
Um homem nunca chora	Verso	162	José Caveirinha	M
Fêmea-Fênix	Verso	163	Conceição Evaristo	M
100 histórias colhidas na rua	Prosa	191	Fernando Bonassi	
Antologia da poesia negra brasileira: o negro em versos.	Verso	191	Luiz Silva	M
Semíramis.	Prosa	203	Ana Miranda	F
Eu não vou perturbar a paz	Verso	241	Manoel de Barros	M

Fonte: O autor e a autora (2023)

Em relação às dez escritoras que possuem textos literários no livro didático, oito são brancas, uma indígena e uma cuja raça-etnia não foi identificada ao realizar buscas pela ferramenta *Google Images*, disponível *on-line*. Por fim, sete delas são mulheres brasileiras, uma ucraniana, uma chilena e uma portuguesa. Como podemos presumir, em sua quase unânime

DOSSIÊ “INTERFACES DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS”

REVELLI, Vol. 15. 2023.

ISSN 1984-6576.

E-202314

maioria, trata-se de mulheres não negras, fato que nos remonta ao questionamento sobre que corpos, no passado, teriam acesso às letras no Brasil, e nos levam a questionar a corpolítica dessas autorias.

Nesse caminho, também se torna importante admitir que a carência de autoria feminina na obra em estudo não é um simples lapso; pelo contrário, pode se apresentar como uma linguagem subliminar que reforça a invisibilidade das mulheres, deixando uma triste marca nas mentes leitoras. Uma vez que as meninas não veem mulheres como autoras, são ‘ensinadas’ a inferir que suas vozes, experiências e contribuições são menos importantes ou simplesmente fazem pouca diferença. A escassez da corpolítica feminina autoral limita não apenas as aspirações das meninas que leem, mas também projeta a maneira como elas entendem seu lugar no mundo, ofuscando o potencial para uma sociedade igualitária e inclusiva.

Se levarmos em consideração a escola como uma instituição produtora de conhecimentos de diversas ordens, em que os materiais didáticos se apresentam como contribuidores da formação humana, a questão corpolítica em autoria de textos literários no livro didático analisado nos reserva histórias muito recorrentes e restritas em relação a quem participa dos bens culturais e do capital simbólico. Se há um equilíbrio entre textos de prosa e verso na organização do livro didático SLNLP, o mesmo não acontece em relação ao gênero de autorias literárias nele presentes.

Além disso, a análise corpolítica põe em relevo a reiteração do cânone literário brasileiro, em sua maioria também formado por homens brancos. Embora se refiram a textos escritos em épocas distintas, é surpreendente perceber que, mesmo diante de acaloradas discussões sobre a importância da igualdade entre sexos e gêneros, um livro didático do ensino médio ainda seja composto por apenas quase 10% de obras escritas por mulheres. Uma reflexão para a questão poderia se associar ao passado escravocrata negro e patriarcal branco, constantemente reiterado em nosso país. De qualquer modo, fica evidente a dominação masculina nessa relação de autoria literária em livros didáticos como produtora de epistemes brancas e masculinas a perpetuarem sob um ou outro contraste de raça e gênero.

Infelizmente, essa discrepância não se localiza tão-somente no livro didático apurado. Uma pesquisa intitulada *Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais*, realizada por Regina Dalcastagnè, em 2012, avaliou todos os romances publicados por editoras brasileiras entre os anos de 1990 e 2004, mostrando que, dentre as 165

obras catalogadas, 120 são assinadas por autores homens, o que corresponde a um número assustador de 72,7%, evidenciando, assim, que as escritoras mulheres que conseguem prestígio ainda são minoria. Esse dado serve apenas para reiterar que o cânone literário brasileiro é majoritariamente construído por escritores homens.

A desigualdade corpolítica no cânone literário brasileiro contemporâneo é um legado histórico que insiste em perpetuar e, portanto, uma questão preocupante a d/enunciar possíveis barreiras e obstáculos enfrentados por mulheres de todo o tipo no campo literário. A falta de prestígio e reconhecimento às escritoras pode estar atrelada a preconceitos de gênero, bem como a dificuldades de acesso das mulheres às oportunidades de autoria, de publicação e de divulgação de obras literárias.

O portal eletrônico da Academia Brasileira de Letras disponibiliza, por exemplo, os nomes dos quarenta ocupantes de suas cadeiras na condição de membros efetivos perpétuos. Dessas 39 cadeiras nacionais atualmente ocupadas, apenas 4 pertencem a mulheres. Igualmente, mencionamos o caso da União Brasileira de Escritores de Goiás (UBE- GO), órgão que já foi comandando por 22 homens no cargo de presidente contra apenas uma mulher. Todos esses dados reforçam nossa atenção à corpolítica de gênero na literatura, inclusive, para além do livro didático.

Neste trabalho, a corpolítica em autoria de textos literários nos permite enxergar severas desigualdades de gênero no livro didático e nos traz alerta para essa relação com o mundo social, onde poucas mulheres – geralmente brancas – se tornam escritoras e produzem autorias literárias. Como vimos, essa análise pode fazer relações com outros domínios sociais e com outras cronologias, a fim de contrastar o que averiguamos com outras relações de investigação em paralelo. Em linhas gerais, o constatado aqui reforça uma monopolização de praticamente tudo o que existe na sociedade se faz pelas mãos dos homens: o trabalho, as ciências e as artes, a política e o próprio convívio social, que se reflete em mais homens em cargos de liderança ou com maior especialidade intelectual, sendo recente na história a superação de mulheres quanto a essas diferenças ainda atuais, conforme sublinhamos.

Se, como prevê Iser (2013, p. 11), os textos literários refletem, por meio da ficcionalidade, o universo narrado, poetizado e recriado, assim como nascem “da necessidade de o homem se mostrar a si mesmo” (Iser, 2013, p. 11), é inegável que homens brancos têm se apresentado mais, com suas epistemes, a partir das autorias de textos literários que compõem o

livro didático SLNLP. Incorporadas a uma orientação corpolítica, essas trajetórias textuais de autores homens trazem à luz um campo ideológico de referência e mostram o que pensam do mundo, tudo isso diluído em suas escritas textuais literárias, as quais informam um mundo e nada mais são do que corpolíticas.

Com efeito, a hegemonia masculina nas autorias de textos literários que compõem a obra em destaque nos leva a pensar as condições corpolíticas que vêm à tona conforme a produção literária, evidenciadas por posturas, posicionamentos, ideologias, estilísticas, estéticas, mobilizações lexicais nada isentas de uma discursividade cultural própria de um corpo masculino e branco ver, compreender e ‘silenciosamente’ organizar o mundo. Talvez nessa direção consista a importância de se preverem outras corpolíticas em autorias de textos literários, a fim de tornar mais heterogêneos e plurais os sentidos de interpretação literária percorridos.

Não obstante, perguntas mediadoras docentes em sala de aula também poderiam inculcar discentes a uma criticidade acerca da corpolítica em autoria ao lerem um texto literário: Quem é o/a autor/autora que escreve? Como ele/ela se apresenta ao mundo? De que jeito ele/ela é? Qual sua origem? Qual seu lugar epistêmico? Qual seu sexo? Como é sua aparência? Essas e outras perguntas poderiam gerar noções discursivo-enunciativas muito relevantes e potenciadoras de sentidos textuais, dimensionadas por uma noção corpolítica.

Por fim, outro fato que nos salta aos olhos, nada surpreendente, é que, na história da literatura brasileira, as obras de autoria feminina sofreram um processo de apagamento (Steffen, 2018). Esse fato pode incidir (in)diretamente na questão do livro didático de linguagem, que muitas vezes negligencia a corpolítica de mulheres em autorias literárias. Em tempos em que as discussões educacionais avançam, é importante aliar tais debates à corpolítica das diferenças em livros didáticos de linguagem e, com isso, traçar caminhos para que as produções literárias não partam exclusivamente de homens brancos e passem a ter outras corpolíticas autorais.

### **Considerações finais**

Neste trabalho, inculcamos sobre a relevância de se observar a corpolítica em autorias textuais literárias propostas em um livro didático. Esse conceito se alia à percepção e aos significados políticos e das políticas dos corpos em sociedade e, neste estudo, esteve reservado

à autoria de textos literários para identificar o apagamento das mulheres nas materializações que compõem a obra SLNLP. A análise nos permitiu enxergar a presença acentuada de autoria textual condizente com o binarismo e a heterossexualidade branca, com pouca representatividade de mulheres no cânone literário e vernacular proposto pelo recurso didático, confirmando alguns dos resultados também averiguados por Vasconcelos (2021).

De fato, o visível apagamento de autoras mulheres em textos literários de livros didáticos coincide com o histórico apagamento literário das mulheres no Brasil, partindo de uma condição histórica, em nível macrossocial, que se materializa na própria obra didática, em nível microssocial. Todas essas constatações escancaram a relevância de estudos endereçados à corpolítica, perspectiva responsável por se fazerem valer os significados performativo-discursivo-imagéticos dos corpos sexualizados no mundo.

Nossa reflexão sobre a representação feminina na literatura a partir do livro didático aponta para a necessidade de se promover maior inclusão e visibilidade em termos de corpolítica de mulheres em autorias literárias. A análise crítica desses dados pode fornecer, inclusive, *insights* valiosos para a construção de uma educação mais igualitária e representativa, em que literaturas escritas por mulheres – e por vários tipos de mulheres – sejam reconhecidas, valorizadas e compartilhadas com as novas gerações de estudantes.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. M.; FERREIRA, A. J. Identidades sociais de gênero em livros didáticos de língua inglesa sob um viés do Inglês como língua franca. **Brazilian English Language Teaching Journal**, v. 9, p. 74-90, 2018a.

ARAÚJO, J. M.; FERREIRA, A. J. Identidade sociais de gênero: mulheres nativas e não nativas em livros didáticos de inglês na visão de professores e professoras. **Travessias**, v. 12, p. 36-54, 2018b.

ARAÚJO, J. M.; FERREIRA, A. J. Representações de gênero em livros didáticos. **Intersecções: Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais**, v. 25, p. 126-134, 2018c.

BARROS, J. S. **Identidades sociais de classe, gênero e raça/etnia representadas no livro didático de espanhol como língua estrangeira**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BASTOS, M. C. C. S. **Relações de gênero em livros didáticos de Língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental da rede pública de ensino**. Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’. *In*: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.

CAIXETA, J. E.; BARBATO, S. B. Identidade feminina: um conceito complexo. **Paideia**, v. 14, n. 28, p. 211-220. 2004.

CAMARGO, M.; FERREIRA, A. J. Identidades sociais de raça no livro didático de língua inglesa: a branquitude como norma. *In*: FERREIRA, A. J. (Org.). **As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 163-184.

CLOZATO LARA, C.; SILVA DE ABREU, G. As mulheres nos livros didáticos de ensino médio: avanços e desafios de representatividade. **Revista Ensin@**, v. 3, n. 7, p. 65-85, 2022.

CONTI, L. F. D.; MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. Identidades de raça/ etnia, ensino crítico e o racismo no livro de inglês aprovado pelo PNLD. **Muitas Vozes**, v. 4, n. 1, p. 27-42, 2016.

CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. **Pesquisa de métodos mistos**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

DAMBRÓS, L. P. **Construção de identidades sociais de raça com intersecção de classe nos livros didáticos de inglês do ensino médio aprovados pelos PNLDs 2012 e 2015**. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

DERRIDA, J. **Margens da filosofia**. Trad. Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

DIEHL, B. T.; SENNA, T. S. A construção da identidade da mulher no espaço público: um processo relacionado ao poder. **Revista Humanidades**, v. 31, n. 1, p. 23-41, 2016.

FERREIRA, A. J. Social identities of black females in English Language textbooks used In Brazil and Cameroon: intersectionalities of race, gender, social class and critical racial literacy. **Revista X**, v. 4, p. 20-40, 2019.

FERREIRA, A. J. Identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe nos livros didáticos de língua estrangeira na perspectiva da Linguística Aplicada. *In*: FERREIRA, A. J. (Org.). **As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 91-119.

DOSSIÊ “INTERFACES DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS”

REVELLI, Vol. 15. 2023.

ISSN 1984-6576.

E-202314

18

FERREIRA, A. J.; SENE, R. A. R. O que as pesquisas recentes revelam acerca das identidades de gênero, de raça e de sexualidade nas aulas de língua inglesa. **Polifonia: Estudos da Linguagem**, v. 25, p. 311-334, 2018.

FRANK, H. **Corpólitica em estudos de linguagem**. No prelo.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ISER, W. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Trad. Johannes Kretnhmer. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013.

JOVINO, I. S. Representações de negros e negras num livro didático de Espanhol: alguns apontamentos. *In*: FERREIRA, A. J. (Org.). **As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 121-141.

LOPES, C. R. Livros didáticos de língua inglesa: Instrumentos de luta contra as desigualdades étnico-raciais? **Revista Coralina**. v. 1, n. 1, p. 160- 174, 2019.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **Delta**, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

NASCIMENTO, G. Entre o lócus de enunciação e o lugar de fala: marcar o não marcado e trazer o corpo de volta na linguagem. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 60, n. 1, p. 58-68, 2021.

NEGRÃO, E. V.; AMADO, T. **A imagem da mulher no livro didático**: estado da arte. São Paulo: DPE/FCC, 1989.

NETTO, L. C. F.; OLIVEIRA, K.; FERREIRA, A. J. Algumas considerações sobre a importância da representação de raça, gênero e classe social em um livro de espanhol. **Uniletras**, v. 41, p. 10-24, 2020.

OLIVEIRA, M. R. L. G.; PEREIRA, A. L. A (re)produção de estereótipos de gênero em livros didáticos à luz da Análise de Discurso Crítica. **Revista InterAção**, v. 42, n. 3, p. 556–573, 2017.

ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. **Se liga nas linguagens**: português. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2020.

PEREIRA, A. L. Identidades sociais de gênero em livros didáticos de língua estrangeira. *In*: FERREIRA, A. J. (Org.). **As políticas do livro didático e identidades sociais de raça**,

**gênero, sexualidade e classe em livros didáticos.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 205-224.

PEREIRA, A. L. Representações de gênero em livros didáticos de língua estrangeira: discursos gendrados e suas implicações para o ensino. In: PEREIRA, A. L.; GOTTHEIM, L. (Org.). **Materiais didáticos para o ensino de língua estrangeira: processos de criação e contextos de uso.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 113-146.

RIBAS BORGES TEIXEIRA, N. C. Entre o público e o privado: imprensa e representação feminina. **Revista Encuentros**, v. 12, n. 2, p. 79-92, 2014.

SANTA CLARA, M. P.; FERREIRA, A. J. Identidades sociais de gênero com intersecção de raça e classe no livro didático de língua inglesa: o que as pesquisas recentes revelam. **Uniletras**, v. 39, p. 75-89, 2017.

SANTOS, M. L. L.; MALDONADO, M. M. C.; PERIPOLLI, O. J. A representação das mulheres nos livros didáticos do PNLD Campo e suas possibilidades. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 1, p. 1-17, 2022.

SANTOS, M. S. **A construção de identidades no livro didático de língua estrangeira: uma perspectiva crítica.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SILVA TITOTO, L. C.; GUIMARÃES ASSIS DA SILVA, B.; RACHID OTAVIO, C. R.; NASCIMENTO SALGADO, R. A representação da mulher em uma coleção de livro didático aprovada pelo PNLD de língua inglesa. **Cadernos de linguagem e sociedade**, v. 22, n. 1, p. 147-165, 2021.

SILVA, F. M. C.; LUTERMAN, L. A. Representações de gêneros em ilustrações de livros didáticos de língua portuguesa de ensino fundamental. In: OLIVEIRA, H. F. (Org.). **Docência: interdisciplinaridades e letramentos.** 1. ed. Anápolis: Editora UEG, 2018. p. 367-388.

STEFFEN, A. C. A (não) presença da literatura feminina nos livros didáticos de ensino médio. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, v. 1, n. 14, p. 315-332, 2018.

TAUFER, I. C. B. **Representações de gênero no livro didático de Ciências nos anos iniciais do ensino fundamental.** Monografia de especialização (Curso Lato Sensu em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

TEDESCHI, L. A. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica.** Dourados, MS: UFGD, 2012.

TILIO, R. C. A construção social de gênero e sexualidade em livros didáticos de inglês: que vozes circulam?. In: FERREIRA, A. J. (Org.). **Identidades sociais de raça, etnia, gênero e**

**sexualidade:** práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012. p. 121-143.

TÍLIO, R. C. A representação do mundo no livro didático de inglês: uma abordagem sócio discursiva. **The Specialist**, v. 31, n. 2, p. 167-192, 2010.

TÍLIO, R. C. **O livro didático de inglês em uma abordagem sócio-discursiva:** culturas, identidades e pós-modernidade. Tese (Doutorado em Letras) –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

TÍLIO, R. C.; SOUTO JUNIOR, E. M. Gênero e sexualidade em livros didáticos: impactos da avaliação do PNLD?. In: FERREIRA, A. J. (Org.). **As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 2014. p. 47-72.

VALÉRIO, W.; SANTANA, M.S. Uma análise crítica do negro nos livros didáticos e a discriminação racial no interior da escola. **Cadernos PDE - Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, v. 1, p. 2-17, 2013.

VASCONCELOS, V. F. S. **Leitura crítica de um livro didático de língua portuguesa: reflexões sobre aspectos coloniais em autorias de textos**. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual de Goiás, Cidade de Goiás, 2021.